

Um diálogo entre a historiografia brasileira e a categoria conscientização de Paulo Freire

A dialogue between Brazilian Historiography and Paulo Freire's awareness category

Un diálogo entre la historiografía brasileña y la categoría conciencia de Paulo Freire

Daniela Gaete Sewaybricker Bravo

Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar-So), Sorocaba/SP – Brasil

Fabiana Boschetti Nunes

Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar-So), Sorocaba/SP – Brasil

Juliana Rezende Torres

Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar-So), Sorocaba/SP – Brasil

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar a concepção de conscientização nos escritos de Freire, articulado à historiografia brasileira. O percurso metodológico adotado foi a pesquisa bibliográfica para a seguinte reflexão: Como a concepção de conscientização foi ressignificada por Freire, considerando suas vivências e obra atrelada aos contextos históricos brasileiros vividos por ele? Assim, estabelecemos um diálogo entre o contexto histórico e o termo conscientização com a sua utilização, realizando as análises sob o olhar crítico da corrente historiográfica do materialismo histórico-dialético. Concluimos que a conscientização é uma das categorias fundantes em Freire, pois é compromisso histórico, é exigência do e para o próprio processo histórico do qual fazemos parte.

Palavras-chave: historiografia, conscientização, criticidade, educação libertadora.

Abstract

This article aims to present the concept of awareness in Freire's writings articulated with Brazilian historiography. The methodological approach was bibliographical research for this reflection: How was the concept of awareness (re)signified by Freire considering his experiences and work linked to the Brazilian historical contexts? Thus, we establish a dialogue between historical context and the term awareness with Freire's use. We carried out the analysis under the critical eye of historical-dialectical materialism. We conclude that awareness is one of Freire's fundamental categories as it is a historical commitment, a requirement of and for the historical process of which we are part.

Keywords: historiography, awareness, criticality, liberating education.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar el concepto de conciencia en los escritos de Freire, articulado con la historiografía brasileña. El camino metodológico adoptado fue la investigación bibliográfica para la siguiente reflexión: ¿cómo fue ressignificado por Freire el concepto de conciencia, considerando sus experiencias y obras vinculadas a los contextos históricos

brasileños vividos por él? Así, establecemos un diálogo entre el contexto histórico y el término conciencia con su uso, realizando los análisis bajo la mirada crítica de la corriente historiográfica del Materialismo Histórico-dialéctico. Concluimos que la conciencia es una de las categorías fundacionales en Freire, en tanto que es un compromiso histórico, es una exigencia de y para el proceso histórico del que somos parte.

Palabras clave: historiografía, conciencia, criticidad, educación liberadora.

1 Introdução

O presente artigo busca discorrer sobre a categoria **conscientização** em Freire, propondo reflexões acerca dessa concepção na sua obra e as relacionando aos contextos históricos brasileiros, sob o olhar crítico da corrente historiográfica do Materialismo Histórico-Dialético (MHD)¹. Destaca-se como Freire ressignificou a sua concepção de conscientização ao longo de sua trajetória, especialmente, em resposta aos desafios sociais e políticos de seu tempo.

Destacamos que este artigo não pretende esgotar a discussão referente à temática, visto a sua amplitude. Por esse motivo, optamos por utilizar o artigo “Um” antes da palavra diálogo no título deste artigo, tendo em vista as demais possibilidades de encaminhamentos.

Também é importante diferenciarmos os termos “sentidos” e “significados”, considerando que são frequentemente usados ao longo do texto. Entendemos como sentido, a compreensão sobre determinado assunto ou a forma como o conhecimento é empregado em certas ações. Nesse contexto, o sentido está relacionado com ter um ponto de vista sobre algo.

Já os significados se referem ao que determinado objeto, concepção ou pensamento exprime e representa, significação. Assim, a importância que se dá a algo, o valor que lhe atribuímos está relacionado ao significado do que representa.

¹ “O materialismo histórico (ciência) e dialético (filosofia) é uma corrente metodológica que trata das concepções de Marx sobre as classes sociais em suas eternas lutas; a ideologia; a alienação; e ainda, analisa as principais leis fundamentais ou leis não fundamentais (categorias) da dialética que se interrelacionam e se complementam, representando as propriedades e as relações reais como modos de produção e como princípios fundamentais do Materialismo Histórico-dialético à frente de uma transformação da realidade concreta” (Oliveira, 2019, p. 22 e 23).

Buscaremos ao longo do artigo responder: **Como a concepção de conscientização foi resignificada por Freire, considerando suas vivências e obra atrelada aos contextos históricos brasileiros vividos por ele?**

Nesse sentido, é relevante e metodologicamente pertinente analisar a obra de Freire em diálogo com a materialidade histórico-dialética, da qual são expressão e a qual respondem, tomando o conceito de **conscientização** como eixo analítico.

Paulo Freire (1987) argumenta que a mudança da realidade concreta, em busca da superação da relação opressores-oprimidos, ocorre através de uma práxis autêntica. Essa práxis é entendida como ação-reflexão-ação transformadora dos sujeitos sobre o mundo, com o objetivo de transformá-lo.

Ele enfatiza que a realidade social objetiva não é um fenômeno aleatório, mas, sim, o resultado das ações humanas, e, portanto, sua transformação também não acontece por acaso, mas através de uma práxis deliberada. Essa perspectiva está alinhada com as ideias do materialismo histórico-dialético, que vê o trabalho humano como uma força capaz de transformar a realidade concreta. Sob essa ótica, a transformação é vista como um processo histórico e social, em que a práxis não apenas reflete a realidade, mas também a desafia e a modifica, em um movimento contínuo de superação das contradições sociais.

Dessa forma, trazemos, ao longo do artigo, reflexões sobre o termo **conscientização**, compreendido em Freire como a busca por uma leitura crítica da realidade concreta, desvelando-a, desmitificando-a e transformando-a.

Articulamos a concepção de **conscientização** com os diferentes períodos históricos brasileiros - o primeiro período, considerado como Quarta República (1947 a 1963), posteriormente, a Ditadura Militar (1964 a 1985) e, por fim, a Nova República (a partir de 1985). O objetivo é compreender como esse termo se fez presente na obra de Freire e em suas reflexões sobre a realidade concreta durante o século XX, especificamente, entre os anos de 1947 até 1997, ano de seu falecimento.

Para a elaboração deste artigo, fizemos uso de pesquisa bibliográfica, utilizando os seguintes livros da obra de Freire, apresentados no Quadro 1:

Quadro 1 - Obra de Freire utilizada para a elaboração deste artigo

LIVRO	ANO DE PUBLICAÇÃO
Educação e atualidade brasileira	1959
Educação como prática da liberdade	1967
Pedagogia do oprimido	[1968] 1987
Extensão ou comunicação?	[1969] 1983
Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido	1992
Pedagogia da autonomia	1996

Fonte: Elaboração própria.

Para além desses livros, ressaltamos que utilizamos contribuições de Marinho (2015 e 2017), visto que possui pesquisa relacionada à **conscientização** em Freire.

2 Conceituando historiografia

Podemos dizer que, no Brasil, antes do final dos anos 1970, era praticamente inexistente a preocupação com os estudos acerca da produção do conhecimento histórico. Mesmo em países da Europa, como Alemanha e França, onde a ciência histórica se estabeleceu desde o século XIX, esse campo de estudos se constituiu somente no início do século XX.

Em seu sentido etimológico, historiografia, de historiógrafo, do grego “ἱστοριογράφος”, de “ἱστορία”, história e – “γράφος”, da raiz de “γράφειν”, significa: (“o que escreve, ou descreve, a história”). Portanto, é um termo polissêmico que, além de designar o registro escrito da história e a memória estabelecida pela humanidade através da escrita de suas vivências e seu passado, designa também uma ciência - a história.

No Brasil, a historiografia, na perspectiva crítica, foi introduzida pelo historiador e escritor brasileiro José Honório Rodrigues (1919-1987), compreendendo-a como a história da história. Encontramos aproximações a essa perspectiva nos escritos de José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), professor do Departamento de História e fundador do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Ele afirma que “o conhecimento é o registro que o historiador procura fazer para compreender a realidade, e a historiografia é justamente o conhecimento crítico dessa representação e do processo que a determinou” (Lapa, 1981 *apud* Torres, 1996, p. 19).

Para Francisco Iglésias (1972), a historiografia é a produção intelectual, e não somente documentos. Afirma que a história é o processo, e a historiografia é a descrição ou o reflexo do processo.

A historiografia é uma obra da História, um escrito de natureza histórica. Impõe-se a palavra historiografia, uma vez que a palavra história é muito ambígua, por ser tanto a referência ao acontecimento, como sua reconstituição em livro [...] uma história da historiografia brasileira deve ser o estudo dos livros que já se escreveram sobre a História do Brasil. Trata-se, portanto, de obras elaboradas, não de documentos. (Iglésias, 1972, p. 22 e 23).

Segundo Marlene Medaglia Almeida (1983), que utiliza o conceito a partir de Michel de Certeau (1975), historiografia pode ser definida como

[...] a prática e o discurso historiográfico, isto é, a prática intelectual especializada (mediada pelo instrumental teórico-metodológico da ciência histórica) que tem como objeto específico a realidade histórica, em sua integridade estrutural e superestrutural e seu produto: o conhecimento histórico. (Almeida, 1983 *apud* Torres, 1996, p. 22).

Nas considerações de Torres (1996), a concepção da historiografia é aprofundada. Para esse autor, não há neutralidade na produção do saber, e o conhecimento é ideológico, ou seja, não há história, e, sim, conhecimento histórico. O autor afirma que a historiografia se refere ao conhecimento histórico gerado em um determinado período e sobre temas específicos.

A análise crítica desse conhecimento, ao ser contextualizada no ambiente que lhe deu origem e significado, é denominada crítica historiográfica. Esse tipo de crítica é uma "recriação histórica", um processo de revisão e produção do conhecimento, que é influenciado pelas interações com o ambiente intelectual de quem o revisa e/ou o produz. Torres (1996) afirma que esse conhecimento está situado em um espaço-tempo entendido como a dinâmica de um processo mais amplo que se manifesta no nível de percepção individual, na historicidade de quem apreende o espaço em movimento em diferentes níveis.

Assim, podemos observar que existe uma diversidade de visões relacionadas ao campo da história e da historiografia, bem como os limites epistemológicos que as aproximam ou as diferenciam. Entendemos que a arte de escrever a história da história caminha para além da história literária encontrada nos livros, que simplesmente narram os fatos históricos.

Consideramos que ela afere aproximações do conhecimento construído, como processo humano, com as reflexões sobre o período histórico, a partir do uso de uma corrente metodológica.

Optamos pela corrente historiográfica do materialismo histórico-dialético, pois tanto o pensamento freireano quanto o MHD veem a história como um processo de transformação contínua, impulsionado pela luta de classes e pela *práxis* humana. Também por compreendermos que estamos inseridos em uma sociedade dividida por classes sociais, estruturalmente organizada em um sistema de dominação que preconiza a manutenção do *status quo* e, por considerar que a dialética é

[...] o fundamento ontológico da História é a relação do homem com outros homens, o fato de que o Eu individual só existe por detrás da comunidade. Em tal perspectiva, os demais seres humanos já não são simples objetos de conhecimento e observação, mas aqueles que junto dos quais eu ajo. (Löwy, 1995 *apud* Marinho, 2017, p. 185).

Dessa forma, toda obra é expressão do tempo e contexto histórico em que é produzida. Assim, apesar de não sermos historiadoras, a propositura deste artigo é realizar reflexões acerca da concepção de **conscientização** em Freire, atreladas aos contextos históricos brasileiros, imersas no espaço-tempo e em seus aspectos econômicos e sociopolíticos, sob o olhar crítico da corrente historiográfica do materialismo histórico-dialético.

3 Um diálogo entre conscientização em Freire e seus contextos

A obra de Paulo Freire é mundialmente conhecida pela sua concepção de educação libertadora, de cunho emancipatório, que visa a superar as relações de opressão presentes na sociedade mediante a **conscientização** (trânsito da consciência ingênua para a consciência crítica, voltada à ação transformadora da realidade concreta desumanizadora).

Na relação entre opressores-oprimidos, ocorre a desumanização, tendo como um dos fundamentos para o enfrentamento dessa situação o processo de **conscientização** dos sujeitos acerca da realidade concreta desumanizadora. Nesse ponto, podemos realizar uma articulação com o materialismo histórico-dialético, comparando essa desumanização à alienação descrita por Marx, em

que os trabalhadores são alienados dos produtos de seu trabalho, de sua própria dimensão ontológica e dos outros, como seres da *práxis*.

A primeira experiência de Freire com a categoria **conscientização** se apresenta de forma explícita nas décadas 1950-1960, antes do Golpe Civil-Militar de 1964, em um contexto sociopolítico. Conhecido como a Quarta República ou República Populista, foi um período em que a sociedade brasileira tinha, na disputa do poder político e econômico, um perfil agrocomercial em transição para o urbano-industrial. Uma época também marcada pela instalação de grupos econômicos internacionais no país.

Entre os anos de 1947 e 1957, Freire atuou como professor de alunos/trabalhadores no Serviço Social da Indústria, instituição que atuou por 10 anos. Nessa época, o contexto sociopolítico em que o Brasil se inseria - em destaque, o nordeste -, levou Freire à reflexão acerca da alfabetização de jovens e adultos, retratada, especialmente, em sua tese *Educação e atualidade brasileira* (Freire, 1959).

Freire (1959, p. 24) expõe esse período histórico como colonial e semicolonial, por ser um momento marcado pela “inexperiência democrática, formada e desenvolvida nas linhas típicas de nossa colonização e a emersão do povo na vida pública nacional, provocada pela industrialização do país”.

Para Freire (1959), a atualidade de uma nação é sempre um reflexo de seu processo histórico. Assim, o presente é dinâmico, em constante evolução, e se alimenta, entre outros valores, daqueles que pertencem ao "ontem" do processo histórico. Isso não significa que o presente deva ser uma repetição do passado, o que seria uma negação de sua própria realidade.

No entanto, a busca por uma identidade nacional autêntica visa à superação do período colonial e semicolonial e carrega inevitavelmente marcas do passado. Essas marcas se manifestam no comportamento social do povo brasileiro, juntamente com influências mais recentes que também refletem nesse comportamento.

Segundo Marinho (2017), a tese de Paulo Freire retrata a intenção de alcançar um nível de consciência do povo que promovesse a compreensão da relevância do desenvolvimento nacional e da democracia liberal no Brasil. O

principal objetivo era integrar as massas populares ao processo político, na época, liderado pela burguesia moderna industrial.

No entendimento do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), as massas populares, naquele contexto, eram consideradas a única classe capaz de exercer uma liderança transformadora em nível nacional. Ao relacionarmos a busca da integração das massas populares ao processo político de Freire com o materialismo histórico-dialético, percebemos que a conscientização das massas é crucial para que elas se tornem agentes de transformação social, o que ressoa com a práxis marxista — a combinação de reflexão e ação para transformar a realidade.

Na tese, Freire (1959) explicita um contexto demarcado por governos de frente popular, propício para o exercício da democracia e da participação mais efetiva do povo. Isso lhe possibilitou realizar a experiência de alfabetizar adultos, no âmbito não só da leitura e da escrita, mas também no exercício do processo de **conscientização** do povo como sujeito político, social e histórico, capaz de ter um juízo crítico e uma tomada de decisão que torna possível a escolha pelo povo de um caminho próprio.

Cada vez mais, nos convencíamos ontem e nos convencemos hoje, de que o homem brasileiro tem de ganhar a consciência de sua responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade. Vivendo essa responsabilidade. Participando. Atuando. Ganhando cada vez maior ingerência nos destinos da escola de seu filho. Nos destinos de seu sindicato. [...] Assim, não há dúvida, iria o homem brasileiro aprendendo democracia mais rapidamente. Assim é que conseguiríamos introjetar no homem brasileiro o sentido de nosso desenvolvimento econômico, fazendo-o, desta forma, participante desse processo e não apenas expectador dele. Problema em que lucidamente vêm insistindo, de modo geral, os professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), nem sempre bem compreendidos na sua “ideologia do desenvolvimento”. (Freire, 1959, p. 13).

Nesse sentido, durante a prática dos círculos de cultura², Freire ([1974] 1979, p. 27) proporcionou um ambiente em que “se preludia a **conscientização**”,

² “O círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que sabe e ensina quem não sabe e aprende aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende” (Streck; Rending; Zitkoski, 2010, p. 134).

processo pelo qual se desenvolvia a tomada de consciência crítica, resultando em um compromisso histórico da superação da opressão e da transformação da realidade concreta desumanizadora.

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade [...]. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. (Freire, [1974] 1979, p. 15).

Assim, nos círculos de cultura, o processo de **conscientização** permitia não só a apropriação da leitura e escrita, mas, também, uma leitura crítica da realidade, desvelando-a, desmitificando-a, permitindo aos sujeitos atuarem sobre ela, transitando da consciência ingênua a uma consciência crítica, em um processo de permanente libertação.

Aqui, cabe destacar que Freire (1959) demonstra que adotou os pensamentos isebianos³, inclusive o conceito de **conscientização**, ao apontar, em sua obra, as contribuições do isebiano Álvaro Borges Vieira Pinto⁴. Freire percebeu a profundidade do significado da palavra e se apropriou do termo como um dos fundamentos da sua concepção de educação, visando a desenvolver nas comunidades locais a possibilidade de sua participação e existência no mundo.

Segundo Marinho (2017), Freire, como educador comprometido com as camadas populares, superou a ideia de que apenas a burguesia industrial poderia promover o desenvolvimento nacional, destacando a importância dos

³ Como eram conhecidos os integrantes do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

⁴ “Filósofo brasileiro, tradutor, professor e pesquisador (1909 - 1987) que Freire chamava de ‘Mestre Brasileiro’. Destacou-se por sua posição nacionalista e por sua atividade política intelectual em defesa do desenvolvimento autônomo do Brasil no século XX” (Pitano; Streck; Moretti, 2020, p. 72).

oprimidos, afirmando que a consciência deles, ao incorporar as culturas populares, tem o potencial de transcender as epistemologias das classes dominantes. Essa perspectiva está alinhada com a visão marxista de que a transformação social não pode ser liderada apenas pelas classes dominantes, mas deve envolver a conscientização e a ação das classes oprimidas.

No período histórico conhecido como Ditadura Civil-Militar (1964-1985), Paulo Freire ficou exilado, e sua obra conquistou significativa importância mundial. A Ditadura Civil-Militar no Brasil ocorreu em tempos de Guerra Fria⁵ e, em seus 21 anos de existência, teve cinco mandatos e dezesseis atos institucionais, ações que se justapunham à Constituição Federal do Brasil.

Para Freire, esse período histórico representou momentos de impulso ao autoritarismo, à violência e à mentira. No vídeo *Paulo Freire é entrevistado por Serginho Groissman*, no programa *Matéria Prima* da TV Cultura, em determinado trecho, Freire diz o seguinte:

Puxa, a ditadura estragou este país da gente e continua estragando hoje. A ditadura não inaugurou o autoritarismo, porque o autoritarismo está entranhado na natureza da nossa sociedade. O Brasil foi inventado autoritariamente [...]. Foi uma coisa trágica. (Freire, 1989).

Ele reafirma sua concepção do período referente à Ditadura, ao declarar, no livro *Pedagogia do oprimido*, que o diálogo com as massas populares é uma necessidade para qualquer revolução autêntica. É precisamente essa característica, a dialogicidade, que diferencia uma revolução de um golpe militar. Os golpes não têm a intenção de dialogar com as massas oprimidas, mas, sim, de as enganar para se legitimarem ou de usar a força para as reprimir.

Em trecho do livro *Aprendendo com a própria história* (2013), em entrevista, Freire retrata que, em seu período de prisão e exílio (1964 a 1969), não havia no país um sentimento de “democratização da tortura”, que começou a mudar a partir de 1969, pois todo e qualquer preso (camponeses, operários, professores...) se preocupava com uma dura tortura e, até mesmo, com a morte.

⁵ A Guerra Fria foi um período marcado por um conflito político-ideológico travado entre Estados Unidos e a ex-União Soviética (URSS), entre 1947 e 1991. Esse período polarizou o mundo em dois grandes blocos, um alinhado ao capitalismo e outro alinhado ao comunismo (Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/11/o-que-foi-a-guerra-fria>. Acesso em: fev. 2024).

O professor universitário, afinal das contas, era visto como um cara que participava da mesma posição de classe dos oficiais e que apenas era visto como o cara que estava traindo a sua classe. Portanto, a posição de classe funcionava ainda. Deixou de funcionar a partir de 1969; aí fosse professor, fosse o que fosse, ia para o porrete mesmo. Era inimigo da ordem, declarado. (Freire; Guimarães, 2013, p. 81).

Freire (1967), nesse contexto sociopolítico, trouxe em seu livro *Educação como prática da liberdade*, o termo **conscientização** 25 vezes. No livro, é apresentada a experiência pedagógica realizada antes do Golpe Civil-Militar de 1964, que envolveu a alfabetização de jovens e adultos na cidade de Angicos, no nordeste brasileiro.

Paralelamente, o autor debate a educação massificadora adotada na década de 1960. Nesse livro, ele aborda a questão da consciência transitiva, que inicialmente é preponderantemente ingênua. Ele explicita sua concepção pedagógica voltada à **conscientização**, democracia e ao diálogo, contrapondo-se à pedagogia tradicional.

Dentre os principais aspectos, traz a relação entre criticidade, democracia e a existência humana, além das suas contribuições educacionais à sociedade brasileira, embasada na perspectiva de uma educação crítica e criticizadora. Salienta que homens,⁶ em uma posição passiva, se nivelam pelo anonimato das massas e, "massificando-se", deixam de assumir a postura conscientemente crítica diante da vida.

Freire (1967) afirma que a produção em série como forma de organização do trabalho humano é um dos principais fatores que contribui para essa massificação/alienação do indivíduo. Ao exigir um comportamento mecanizado pela repetição de um mesmo ato que representa apenas uma parte do todo, o homem se desconecta da obra completa, domesticando-se. Esse processo não requer uma atitude crítica em relação à sua produção, desumanizando-o. Transforma-o em um ser passivo, temeroso e ingênuo.

Nesse contexto, Freire aponta que a solução, na verdade, não reside na defesa de métodos antiquados e inadequados para o mundo de hoje, mas, sim, na aceitação da realidade e na busca de soluções objetivas para seus

⁶ Freire se refere ao termo homem como espécie humana, e não como uma questão de gênero. Revista Educação Online, Rio de Janeiro, v. 19, n.47, set./dez. 2024, p. 1-23

problemas. Tampouco, deve-se alimentar um pessimismo ingênuo e um horror à tecnologia, mas, sim, buscar a humanização do ser humano.

Em *Pedagogia do oprimido*, Freire utiliza o termo **conscientização** 21 vezes e destaca as formulações de Lucien Goldmann⁷, que desenvolveu os conceitos de consciência real, consciência possível e consciência transindividual.

Para Goldmann, “consciência real”, como a própria expressão indica, é a consciência manifesta, a consciência expressa por determinada classe social em momentos históricos e em contextos específicos. [...] Consciência possível para Goldmann é a consciência classista determinada pela correlação de forças históricas. E ela é tão singular de uma determinada classe social que, se algum indivíduo dessa classe renuncia ou abandona um de seus traços estruturantes, deixa de pertencer a tal classe. Pode-se mesmo dizer que a consciência possível corresponde à visão de mundo – conceito também tão caro a Lucien Goldmann – de determinada classe social. Finalmente, consciência transindividual é um tipo de consciência coletiva, que não se confunde com a simples soma das consciências individuais. (Marinho, 2015, p. 95 e 96).

Nesse mesmo livro, Freire (1987) explicita que o sujeito, ao tomar consciência dos descontentamentos sociais, percebe-se em uma situação de opressão, injustiça e de desumanização. Para ele, bem como para o materialismo histórico-dialético, o homem é ser histórico, portanto, a transformação do mundo pela prática consciente é tipicamente humana. Afirma que os homens são seres de *práxis*, ao contrário dos animais, que são seres de ação instintiva.

Enquanto os animais não contemplam o mundo, mas simplesmente vivem nele, os seres humanos, por sua capacidade de ação consciente, emergem do mundo e, ao objetivá-lo, são capazes de o conhecer e o transformar através de seu trabalho. Dessa forma, podemos afirmar que a *práxis* é um conceito que Freire desenvolve em diálogo com as ideias marxistas sobre a ação humana, como força motriz da transformação social.

Nesse sentido, através do reconhecimento do sujeito da sua condição de oprimido e o seu convencimento em lutar por sua liberdade, por sua

⁷ “Lucien Goldmann (1913-1970) filósofo e sociólogo romeno, judeu de cultura alemã, representante da corrente humanista e historicista do marxismo” (Pitano; Streck; Moretti, 2020, p. 340).

humanização, podemos compreender o termo **conscientização**, visto que é o resultado da **conscientização** do sujeito que questionará a situação vigente, o *status quo*.

Restituída em sua amplitude, a consciência abre-se para a “prática da liberdade”, o processo de “hominização”, desde suas obscuras profundezas, vai adquirindo a translucidez de um projeto de humanização. Não é crescimento, é história: áspero esforço de superação dialética das contradições que entretencem o drama existencial da finitude humana. [...] não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele, o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la. A pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe-se pensar e viver “a educação como prática da liberdade”. Não foi por acaso que esse método de conscientização originou-se como método de alfabetização. (Freire, 1987, p. 12).

Em outro trecho de *Pedagogia do oprimido*, Freire (1987) reafirma a importância da **conscientização** dos homens para que se tornem sujeitos. ao defender que o processo revolucionário deve ser uma ação cultural dialógica que se estenda em uma "revolução cultural" ao alcançar o poder. Ele afirma que a conscientização é um processo contínuo de desvelamento da realidade, que permite aos sujeitos superarem a condição de objetos passivos para se tornarem sujeitos ativos da história.

No livro *Extensão ou comunicação?*, o termo **conscientização** se apresenta 15 vezes. Essa obra traz o período em que Freire realizou o trabalho no Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (Indap), no governo de Allende (1970-1973), no Chile. Em suas reflexões, traz a importância da ‘comunicação’ e considera necessária uma educação voltada para a **conscientização**.

Apesar de essa obra estar relacionada à perspectiva da problematização, da dialogicidade e do conhecimento, o termo **conscientização** se vincula à busca por uma educação mais democrática, ao ver que Freire (1983) destaca que não há níveis de conhecimento, e, sim, diferentes saberes, de modo que o processo de **conscientização** se faz na interlocução entre os sujeitos e a realidade concreta, considerando e superando as estruturas sociais.

A tomada de consciência em superar-se a alcançar o nível da conscientização, que exige sempre a inserção crítica de alguém na realidade que se lhe começa a desvelar, não pode ser, repitamos, de caráter individual, mas sim social. Basta que se saiba que a conscientização não se verifica em seres abstratos e no ar, mas nos homens concretos e em estruturas sociais, para

que se compreenda que ela não pode permanecer em nível individual. Por outro lado, não será demasiado repetirmos, a conscientização, que não pode dar-se a não ser na práxis concreta, nunca numa práxis que se reduzisse à mera atividade da consciência, jamais é neutra. Como neutra, igualmente, jamais pode ser a educação. (Freire, 1983, p. 53).

Segundo Marinho (2015; 2017), ainda no exílio, durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil, no Seminário Internacional no México, em 1974, realizado na Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), Freire declarou que não usaria mais o termo **conscientização**, pois percebeu o uso inadequado e também pelas críticas que recebeu de que a palavra estava sendo utilizada por ele como uma "pílula mágica" para transformações político-sociais em diversos contextos. Ele justificou a decisão pela complexa polissemia que o termo havia adquirido, com implicações ideológicas e políticas que distorceram seu significado original. Dessa forma,

A conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência. Não há conscientização sem tomada de consciência, mas nem toda tomada de consciência se alonga obrigatoriamente em conscientização. [...] Você me indaga sobre o ter deixado de fazer referências diretas à palavra conscientização. É verdade. A última vez em que me estendi sobre o tema foi em 1974. [...] Tive razões para desusar a palavra. Nos anos 70, com exceções, é claro, falava-se ou se escrevia de conscientização como se fosse ela uma pílula mágica a ser aplicada em doses diferentes com vistas à mudança do mundo. [...] Me pareceu àquela época, e sobre isso conversei com Elza, que, de um lado, eu deveria de uma vez deixar de usar a palavra, de outro, procurar, em entrevistas, em seminários, em ensaios – o que fiz realmente – aclarar melhor o que pretendia com o processo conscientizador. (Freire, 1995 *apud* Marinho, 2015, p. 33).

Assim, por um determinado período, Freire deixou de utilizar o termo em si – **conscientização** - mas não deixou de usar sua definição e sua concepção.

O processo de abertura política do Brasil possibilitou o retorno de Freire ao país, em junho de 1980, com a Lei da Anistia. No mesmo ano, filiou-se ao recém-fundado Partido dos Trabalhadores (PT) e atuou por seis anos como supervisor do PT para o programa de alfabetização de adultos. Também lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade de Campinas (Unicamp), onde permaneceu até 1990.

No último período histórico, a Nova República, a partir de 1985, também conhecido como o período de redemocratização do país, Freire deu continuidade a sua obra e em sua atuação na política. Não podemos deixar de destacar o ano de 1988 como um dos anos mais importantes da história política do Brasil, com a promulgação da Constituição Federal e a eleição da primeira prefeita de São Paulo, Luiza Erundina.

Freire, nos anos de 1989 a 1991, foi secretário de Educação do município de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina, do PT. Como secretário, atuou de maneira integral, reformando escolas, estruturando os colegiados, realizando a reorientação curricular de forma coletiva e em permanente diálogo com a comunidade externa e interna das escolas e com os especialistas, bem como formando os professores, o pessoal administrativo e técnico.

Nesse período, também organizou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - Mova, movimento de apoio às salas comunitárias de Educação de Jovens e Adultos. Em 1991, foi reincorporado ao cargo de diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, do qual havia sido demitido após o Golpe Civil-Militar de 1964.

No período de redemocratização do país, Freire, em sua obra, pouco se utilizou do termo **conscientização**. Manifestou a crítica do discurso da globalização, dos interesses do mercado, dos grandes empresários, para exacerbar a indignação de um tempo despreocupado com o ser humano, com os oprimidos.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar "quase natural". Frases como "a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?" ou "o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século" expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. (Freire, 1996, p. 10).

Em seu livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), apresenta o termo **conscientização** 13 vezes. Nele, retoma a concepção de **conscientização** a partir de um texto seu que foi publicado pelo Conselho Mundial de Igrejas, no ano de 1975.

Destaca que a **conscientização** não pode ser vista de forma simplista, como se fosse apenas o desvelamento da realidade, visto que a “sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação da realidade” (Freire, 1992, p. 53). Assim, faz uma crítica à sua própria reflexão anterior acerca do termo.

[...] é a crítica que a mim mesmo me faço de, em Educação como prática da liberdade, ao considerar o processo de conscientização, ter tomado o momento do desvelamento da realidade social como se fosse uma espécie de motivador psicológico de sua transformação. O meu equívoco não estava obviamente em reconhecer a fundamental importância do conhecimento da realidade no processo de sua transformação. O meu equívoco consistiu em não ter tornado estes pólos – conhecimento da realidade e transformação da realidade – em sua dialeticidade. Era como se desvelar a realidade significasse a sua transformação. (Freire, 1992, p. 53).

No livro *Pedagogia da autonomia*, fez uso do termo **conscientização** apenas quatro vezes e em um único parágrafo, afirmando que a **conscientização** é uma exigência humana e natural aos homens e mulheres, visto que são seres inconclusos.

Nos anos 60, preocupado já com esses obstáculos, apelei para a conscientização não como panaceia, mas como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos, vale dizer, de suas razões de ser. Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização. Insisto na sua atualização. Na verdade, enquanto aprofundamento da “*prise de conscience*” do mundo, dos fatos, dos acontecimentos, a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica. Em lugar de estranha, a conscientização é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado. A questão substantiva não está por isso no puro inacabamento ou na pura inconclusão. A inconclusão, repito, faz parte da natureza do fenômeno vital. Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jaboticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão, que me “saúda” contente no começo das manhãs. (Freire, 1996, p. 60 e 61).

Assim, embasado na consciência do inacabamento, fundamenta nossa existência humana na inconclusão, quando diz “o inacabamento do ser ou da

sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. (Freire, 1996, p. 29).

Portanto, entre os anos 1985 e 1997 (ano de seu falecimento), Freire, após um longo processo de reflexão sobre suas concepções, passou a utilizar poucas vezes o termo, mas de forma explícita, buscava trazer à tona questões relevantes e fez problematizações pertinentes à época.

Dessa forma, reafirmamos que ele usou, cada vez menos, o termo **conscientização** em decorrência da difusão deturpada do termo, pois, para ele, **conscientização** implica na relação entre o pensar e o agir; é o agir a partir do desvelamento da realidade concreta, a ação transformadora contra a exploração, portanto, uma ação política dos sujeitos, no e com o mundo. Nas palavras de Freire ([1974] 1979, p.16), o processo de **conscientização** é uma

[...] atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo “feito”, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade. A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil.

Nos quadros a seguir (2, 3 e 4), apresentamos uma síntese dos períodos apresentados, as relações dos fatos e obra publicada, além da sinopse acerca da categoria **conscientização**.

Quadro 2 – Síntese da obra de Paulo Freire e a categoria **Conscientização**, no período de 1947 a 1963

Anos/Período Histórico - 1947 - 1963 (para Freire, período histórico colonial e semicolonial) Contexto sociopolítico conhecido como a Quarta República ou República Populista	
<p>Fato: Freire atuou como professor de alunos/trabalhadores no Serviço Social da Indústria (Sesi). Alfabetizou 300 trabalhadores rurais no período de 40 dias, no ano de 1962, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, através dos Círculos de Cultura.</p> <p>Publicações: <i>Tese Educação e atualidade brasileira</i> (1959), e livros: <i>A propósito de uma administração</i> (1961) e <i>Alfabetização e conscientização</i> (1963).</p>	<p>Considerações acerca da categoria conscientização</p> <p>Freire percebeu a profundidade do significado da palavra, apropriou-se do termo como um dos fundamentos da sua concepção de educação, visando a desenvolver nas comunidades locais a possibilidade de sua participação e existência no mundo. O termo conscientização traz em seu bojo a conscientização do povo como sujeito político, social e histórico, capaz de ter um juízo crítico e uma tomada de decisão que possibilitasse a escolha, pelo povo, de um caminho próprio. Nos círculos de cultura, o processo de conscientização permitia não só a apropriação da leitura e escrita, mas, também, uma leitura crítica da realidade, desvelando-a, desmitificando-a, permitindo aos sujeitos atuarem sobre ela, transitando da consciência ingênua à uma consciência crítica, em um processo de permanente libertação.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3 – Síntese da obra de Paulo Freire e a categoria **conscientização**, no período de 1964 a 1985

Anos/Período Histórico - 1964 – 1985 (Ditadura Civil-Militar no Brasil)	
<p>Fato: Freire foi acusado de subversão pela sua proposta de alfabetização vinculada a um processo de conscientização. Ficou preso por 72 dias e partiu para seu exílio no Chile. Retornou ao Brasil em junho de 1980, beneficiado pela Lei da Anistia.</p> <p>Publicações: <i>Educação como prática da liberdade</i> (1967); <i>Educação e conscientização: extencionismo rural</i> (1968); <i>Pedagogia do oprimido</i> (1968), <i>Extensão ou comunicação</i> (1969); <i>Conscientização</i> (1974); <i>Ação cultural para a liberdade e outros escritos</i> (1976); <i>Cartas à Guiné-Bissau</i> (1977); <i>Os cristãos e a libertação dos oprimidos</i> (1978); <i>Consciência e história: a práxis educativa</i> (1979); <i>Multinacionais e trabalhadores no Brasil</i> (1979); <i>Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação</i> (1981); <i>Educação e mudança</i> (1981); <i>A importância do ato de ler</i> (1982); <i>Sobre educação</i> (Diálogos) (1982); <i>Educação popular</i> (1982); <i>Cultura popular, educação popular</i> (1983).</p>	<p>Considerações acerca da categoria conscientização</p> <p>Freire explicita sua concepção pedagógica voltada à conscientização, à democracia e ao diálogo, contrapondo-se à pedagogia tradicional. Retoma a questão da consciência transitiva. Fundamenta-se nos conceitos formulados por Lucien Goldmann: consciência real, consciência possível e consciência transindividual.</p> <p>A partir do reconhecimento do sujeito na sua condição de oprimido e se convencendo em lutar por sua liberdade, por sua humanização, resultará em sua conscientização, que colocará em discussão o <i>status quo</i>.</p> <p>No Seminário Internacional no México em 1974, realizado na Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), Freire declarou que não usaria mais o termo "conscientização", devido ao uso equivocado que muitos pesquisadores faziam do termo. Percebe-se, nesse período, que Freire deixa de utilizar o termo em si, "conscientização", mas não deixa de usar sua definição e sua concepção.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 – Síntese da obra de Paulo Freire e a categoria **conscientização**, no período de 1986 a 1997

Anos/Período Histórico - 1986 - 1997 (Nova República, Redemocratização do país)	
<p>Fato: promulgada a Constituição Federal de 1988. Luíza Erundina se elegeu prefeita de São Paulo. Freire foi secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, no período de 1989-1991, na gestão de Luíza Erundina. Freire faleceu em 02 de maio de 1997, em São Paulo, vítima de um ataque cardíaco.</p> <p>Publicações: <i>Por uma pedagogia da pergunta</i> (1985); <i>Essa escola chamada vida</i> (1985); <i>Fazer escola conhecendo a vida</i> (1986); <i>Aprendendo com a própria história</i> (1987); <i>Medo e ousadia</i> (1987); <i>Na escola que fazemos: uma reflexão interdisciplinar em educação popular</i> (1988); <i>Que fazer: teoria e prática em educação popular</i> (1989); <i>Conversando com educadores</i> (1990); <i>Alfabetização - Leitura do mundo, leitura da palavra</i> (1990); <i>A educação na cidade</i> (1991); <i>Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido</i> (1992); <i>Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar</i> (1993); <i>Política e educação: ensaios</i> (1993); <i>Cartas a Cristina</i> (1994); <i>À sombra desta mangueira</i> (1995); <i>Pedagogia: diálogo e conflito</i> (1995); <i>Pedagogia da autonomia</i> (1996).</p>	<p>Considerações acerca da categoria conscientização</p> <p>Passou a utilizar o termo conscientização poucas vezes, mas, de forma explícita, buscou trazer à tona questões relevantes e fez problematizações pertinentes à época. Sua preocupação era com os homens. A crítica à globalização, aos mercados e ao mundo despreocupado com o ser humano.</p> <p>“Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem devaneios idealistas, na necessidade da conscientização” (Freire, 1996, p. 31).</p>

Fonte: Elaboração própria.

4 Considerações finais

Como destacado na introdução deste artigo, apresentamos uma das perspectivas de diálogo entre a historiografia brasileira e a concepção de **conscientização** em Freire, dentre inúmeras possibilidades e caminhos. Buscamos refletir a temática a partir dos contextos históricos brasileiros, sob o olhar crítico da corrente historiográfica do materialismo histórico-dialético, pois compreendemos que, ao longo de sua vida e em sua obra, Freire buscou evidenciar a importância de desenvolver a consciência crítica e a luta por uma educação humanizadora que, para muitos pesquisadores, também é emancipadora.

Ao retomarmos a pergunta da pesquisa, observamos que Paulo Freire ressignificou a concepção de conscientização, ao integrá-la profundamente com

suas experiências e o contexto histórico brasileiro. Ele desenvolveu a concepção de conscientização como um processo de transformação da realidade concreta, em que a *práxis* autêntica — ação-reflexão-ação transformadora — é central para superar a relação opressor-oprimido.

Freire viveu em um Brasil marcado por transições políticas e sociais, como a Quarta República, a Ditadura Civil-Militar e a Nova República, que influenciaram e permearam sua concepção de conscientização. Apesar de ele ter afirmado o desuso da palavra **conscientização** (no exílio, durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil), para os freireanos da atualidade (Delizoicov; Angotti; Pernambuco, 2002; Silva, 2004; Torres; 2010; Madureira; Torres, 2021), **conscientização** é categoria fundante para a concepção da educação libertadora em Freire.

Para ele, há extrema relevância em compreendermos a realidade concreta que nos cerca, pois, como seres humanos, somos agentes da nossa própria história e da transformação da realidade concreta desumanizadora. Ele nos indica, desde as décadas de 1940 e 1950, que um caminho viável é a educação, seja ela escolar ou não escolar, para transformar os sujeitos, o mundo e a sociedade de forma mais justa e humana.

Em sua concepção de educação, fez a crítica à educação tradicional, a qual ele denominou de educação bancária. Defendeu o resgate do sujeito ativo, concebendo de forma dialética e libertadora a existência humana na sociedade e no mundo, em um processo de construção e (re)construção da história, na busca de fazer a própria história.

Sob o olhar crítico da corrente historiográfica do materialismo histórico-dialético, podemos entender que a obra de Freire se alinha com a visão de que a história é um processo de transformação contínua, impulsionada pela *práxis* humana e pela luta de classes. A conscientização, nesse contexto, não é apenas um desvelamento da realidade, mas uma prática dinâmica e dialética que visa a transformar o contexto desumanizador no qual estamos inseridos.

Assim, a educação libertadora proposta por Freire se torna uma possibilidade para desafiar e modificar as estruturas sociais, econômicas e políticas, promovendo a emancipação dos oprimidos e a construção de uma sociedade mais equitativa.

Em suma, a **conscientização** se faz na relação dos homens com o mundo. É um compromisso histórico. É a inserção crítica dos homens e mulheres na história, de modo a realizar o nosso papel como sujeitos que fazemos e refazemos o mundo. Cabe destacar também que a concepção de **conscientização** está atrelada a de utopia, compreendida como compromisso do possível, do realizável, como exigência **do e para** o próprio processo histórico do qual fazemos parte. A resistência e a luta são caminhos viáveis e necessários para uma educação humanizadora e emancipadora, possível de ser realizada para a transformação da realidade concreta opressora, excludente e desumanizadora.

Referências

- DELIZOICOV, D. N.; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. *Ensino de ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. Tese (Concurso para a cadeira de história e filosofia da educação) - Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959.
- FREIRE, P. *Paulo Freire é entrevistado por Serginho Groissman*. TV Cultura, Programa Matéria Prima, 1989. Disponível em: <https://youtu.be/KeeVyHR8nDs>. Acesso em: 02 de nov. 2021.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Paulo Freire e Sérgio Guimarães: aprendendo com a própria história [recurso digital]*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- IGLÉSIAS, F. Comentário ao roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira. In. ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS BRASILEIROS. 1., São Paulo, 1972. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

MADUREIRA, C. A.; TORRES, J. R. A relação teoria-prática docente no ensino de ciências: uma análise materialista histórico-dialética à luz da práxis autêntica de Freire. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, n.1, p.e33662, 2021. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2021u913945. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/33662>. Acesso em: 20 out. 2023.

MARINHO, A. R. B. *Paulo Freire e a conscientização*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2015.

MARINHO, A. R. B. *Paulo Freire e a conscientização*. São Paulo: Clube de Autores, 2017.

OLIVEIRA, S. A. M. *Elementos do materialismo histórico e dialético*. Jundiaí [SP]: Paco e Littera, 2019.

PITANO, S. C.; STRECK, D. R.; MORETTI, C. Z. *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

SILVA, A. F. G. da. *A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas*. 2004. 405 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TORRES, J. R. *Educação ambiental crítico-transformadora e abordagem temática freireana*. 2010. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

TORRES, L. H. O conceito de história e historiografia. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 8, p. 53-59, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23579>. Acesso em: 2 dez. 2021.